

A Espanha em julho de 2018 [3]

GUGGEN, CHAGAL E ARTE CHINESA

Grande parte do segundo dia em que estamos em Bilbao é destinada a conhecer sua grande atração – o Museu Guggenheim –, ou como os moradores de Bilbao chamam-no, simplesmente “Guggen”.

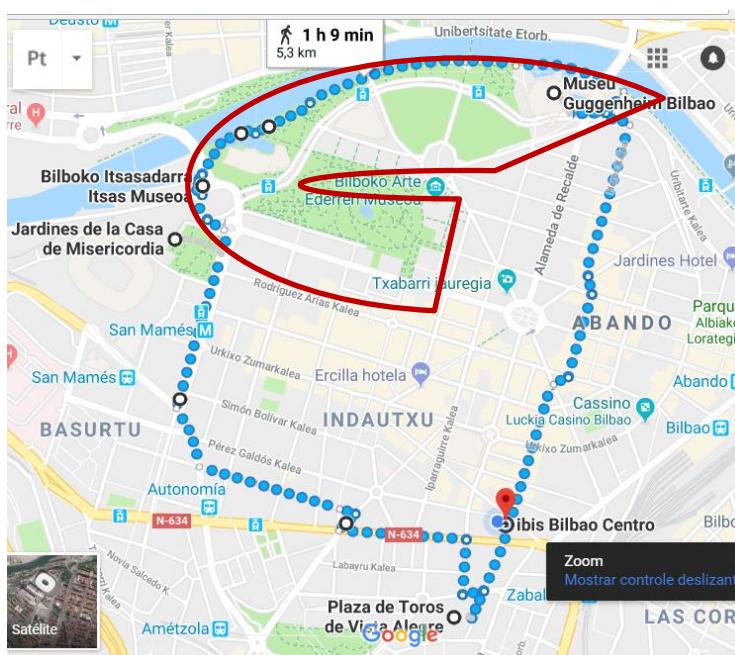
O trajeto que realizamos nesse dia está demarcado na imagem do Google, de modo sintético, já que houve vários vais-e-vens no decorrer do caminho.

Esse museu é parte de um plano de desenvolvimento da cidade, para superar as perdas decorrentes da relativa desindustrialização ocorrida, na passagem do fordismo para a economia flexível, quando várias áreas industriais do centro do capitalismo perderem plantas industriais para os países de sua periferia.

Assim, não se trata apenas de um museu, mas da “urbanização” de toda uma área beira-rio, modificando parte das funções portuárias da cidade, implantado uma linha de metrô de superfície, em estilo futurista de Norman Foster. Tudo isto foi organizado em torno de um paisagismo que compõe o trajeto (ver a área demarcada em vermelhos, ao lado) que

é orientado por essa via peatonal, que acompanha o Rio del Nérvion, o grande curso d’água meandrício, ao longo do qual nasceu a cidade, pois o centro histórico está a leste-sudeste do setor que recebeu tais investimentos.

O projeto arquitetônico do museu é de Frank Gehry e ele foi inaugurado em 1997.



Gostei muito do acervo sobre o qual vou escrever um pouco adiante, mas o museu em si é que se trata, efetivamente, da grande atração. Composto de múltiplas pequenas construções ligadas entre si, algumas com linhas retas e outras arredondadas, e realizadas com vários tipos de materiais – do concreto armado, passando pelo vidro e aço corten para chegar ao titânio – compõe um conjunto que tem alguma similitude com uma embarcação cuja proa está voltada para o rio.

Essa miscelânea de formas e materiais causaram certa ansiedade numa cabeça moderna como a minha, sempre em busca de alguma unidade, mas fui compensada e completamente capturada pela plasticidade e beleza que o conjunto revela.

Passear por esse museu não é, simplesmente, realizar uma visita a um dado acervo. É muito mais uma experiência. Do lado de fora, na face da construção voltada para o centro da cidade, aguardando os visitantes, está o Puppy – uma gigantesca instalação reproduzindo o cachorrinho do artista plástico estadunidense Jeff Koons, coberto de flores irrigadas, o que era para ser uma atração temporária, mas os moradores de Bilbao simpatizaram tanto com ele, que se decidiu pela sua permanência. Sendo verão, ele está todo florido e me ponho a pensar como ele será no inverno.



No saguão principal, outra instalação instigante surpreende-nos. Não sei como classifica-

la, mas caberia, talvez, o adjetivo pós-moderno. Com certeza, ela tem um nome e um artista que responde por ela, mas não localizei essa informação, então, conceituo-a como um polvo suspenso no ar, cujos tentáculos têm cores diferentes e avançam em diversos ambientes do museu. Olhando de perto, vê-se que é elaborado a partir de um patchwork de vários tipos de tecidos.





Fonte: <https://www.google.com/search?q=guggenheim+bilbao&source>

Parte da beleza do prédio, além dos aspectos que já destaquei e que podem ser observados nas fotos acima, é esta edificação se comunicar com seu exterior. As estruturas metálicas são preenchidas por vidros. Assim, à

medida que caminhamos pelas passarelas que ligam os diferentes ambientes, vamos também apreciando a cidade e as esculturas que estão em torno do museu, a partir de várias "janelas", como as próximas fotos mostram.





Um dos setores maiores do museu é a Galeria do Peixe, onde está a instalação Snake de Richard Serra. Ela impressiona porque podemos, não apenas vê-la, mas percorrer a mega

obra de arte, ou seja, passear por dentro da escultura de aço corten, que ali está implantada nesse ‘corpo’ longo do museu que avança em direção ao rio.



Foi uma surpresa agradável, logo na entrada do museu, saber que havia uma exposição temporária com parte da obra de Marc Chagall, pois entre os caras geniais, que compuseram a vanguarda artística do começo do século XX, ele sempre me atraiu muito.

Vejo, depois da visita, consultando a web, que ele nasceu na Bielorrússia, em 1887, numa família de judeus. Mudou-se, em 1907, para São Petesburgo e se vinculou à Escola de Patrocinadores de Arte, mas sua vida como

artista começou a mudar, a partir de sua mudança para Paris, em 1911.

A exposição que está no Guggenheim Bilbao tem a ver com essa experiência vivida por ele. É chamada "Chagall 1911- 1919 – Os anos decisivos", já que, nesse período, no ambiente do impressionismo na França, o artista firmou seu estilo e começou a se tornar conhecido por sua obra.

O quadro que abre essa exposição de Chagall é "Hommage à Apollinaire", que foi pintado entre 1911 e 1912 e deve medir mais

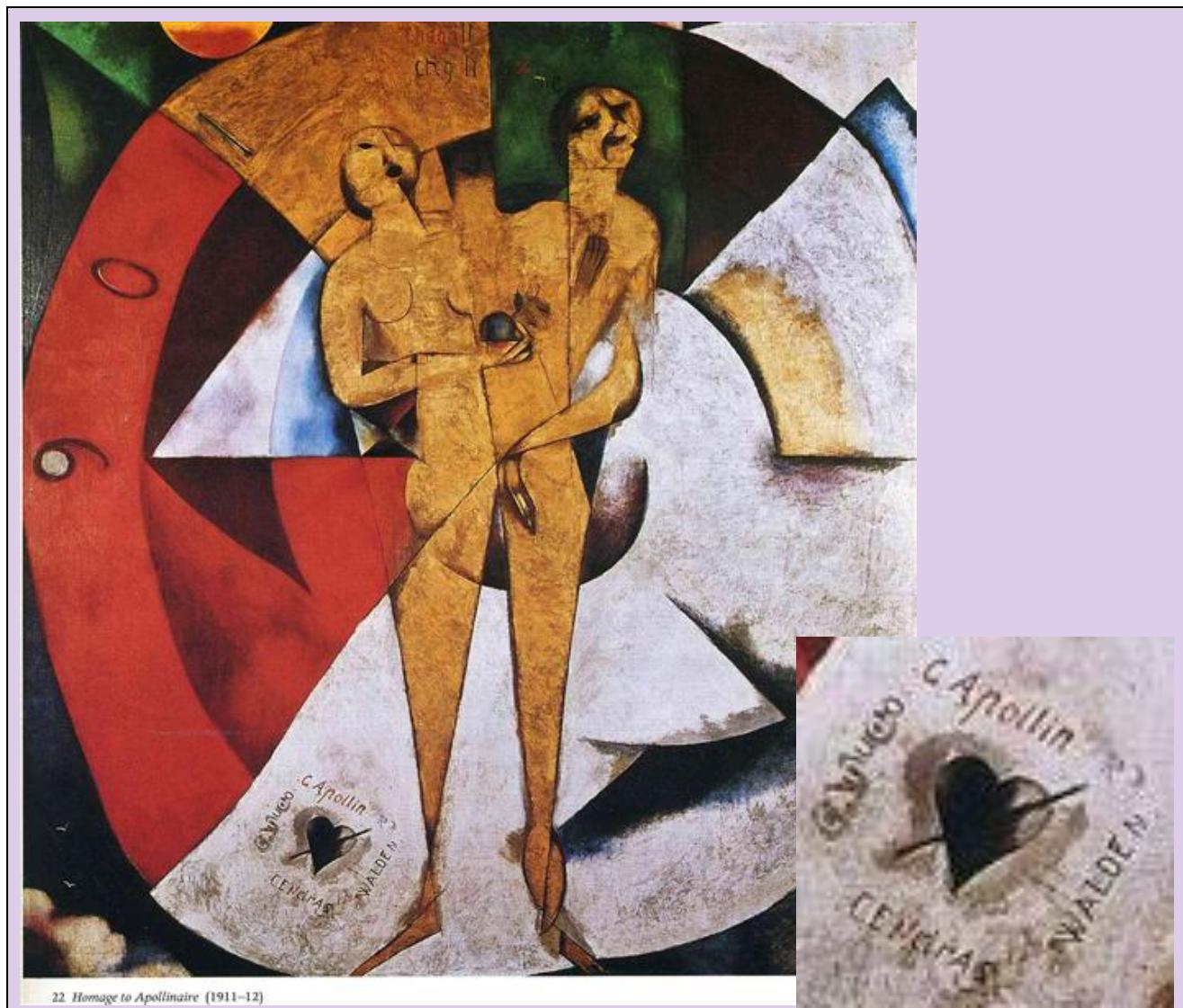
de dois metros. Depois, olhando na Wikiart, fiquei sabendo que é uma das grandes obras representativas do Cubismo. Segundo as explicações dadas na própria exposição, o quadro é uma homenagem ao poeta que tem esse nome, mas também ao escritor suíço Blaise Cendrars, ao dramaturgo italiano Ricciotto Canudo e ao crítico de arte Herwarth Walden.

Como eram pessoas que ele admirava e de seu convívio próximo, quis prestar um tributo a eles, ao fazer essa obra sobre o nascimento de Adão e Eva, representado segundo a tradição

oral judaica de que Deus criou o homem e a mulher num só corpo.

Se você, leitor prestar atenção no detalhe do quadrado que está na parte inferior esquerda da pintura, onde há um coração, verá o nome dos amigos de Chagall. Eu ampliei esse pedacinho, no canto direito, para dar maior visibilidade.

Eu não conhecia a visão dos judeus sobre a origem do homem e da mulher, mas vejo que ela é menos machista do que a versão católica sobre a origem humana.





"La caleche volante", de 2913,

é outro quadro que estava nessa exposição e atrai, como um imã, pela combinação maravilhosa de suas cores.

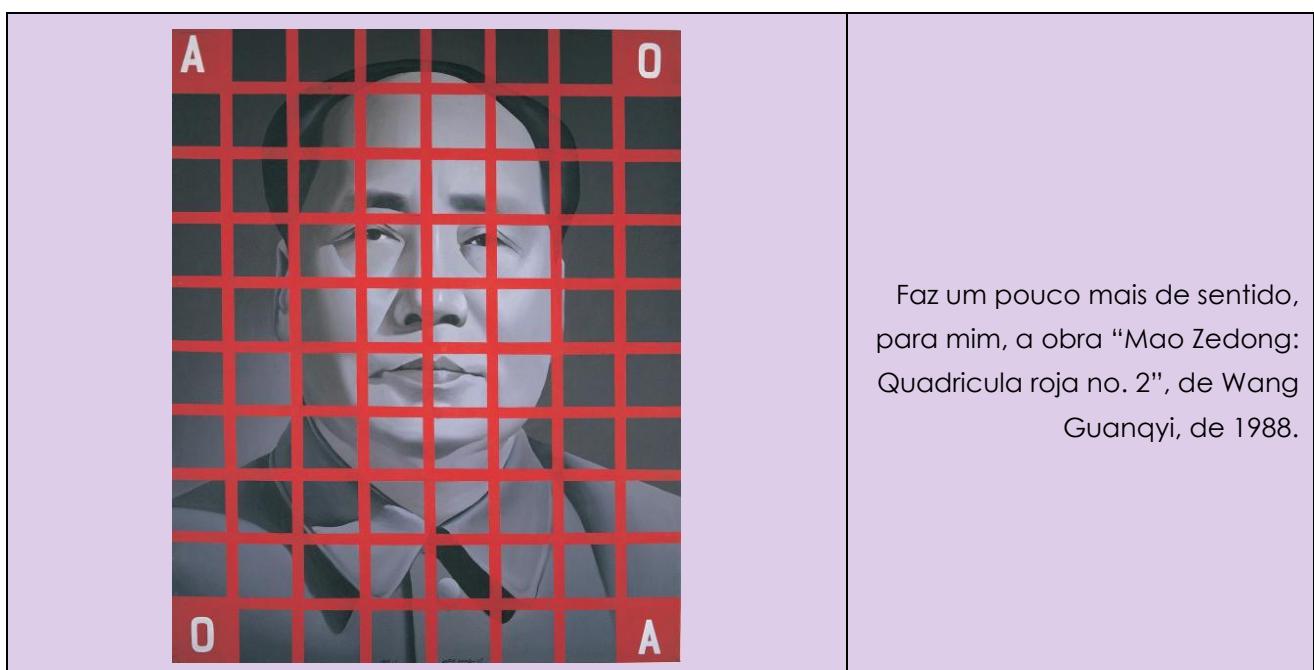
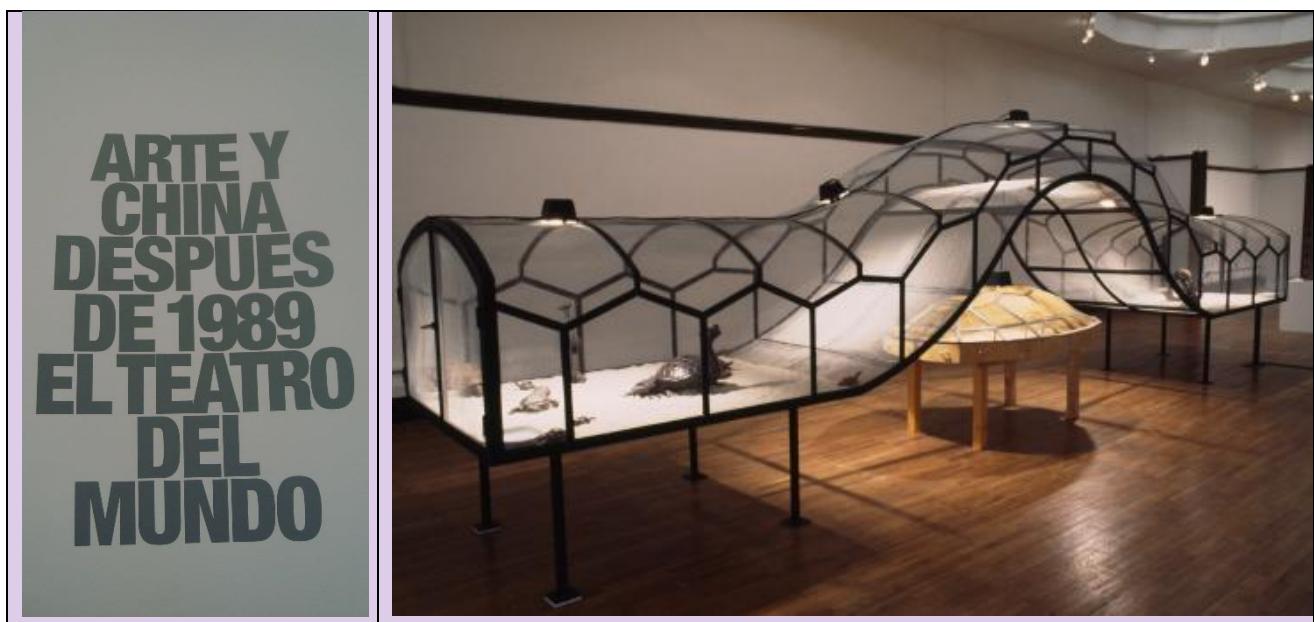
É uma tela de pouco mais de um metro de altura e, como outras de Chagall, convida a fazer voar a imaginação.

"Promenade", pintada em 1917, é outro quadro da exposição em que a ideia de voar aparece representada. A expressão cubista está evidente, por meio do modo como o autor pintou o solo, os telhados e o céu que compõem o segundo plano. No canto esquerdo, o destaque é decorrente dos tons em vermelho do que me pareceu ser uma toalha que dá apoio a um picnic.



Também como exposição temporária do Guggen Bilbao, tivemos a chance de percorrer as salas voltadas à arte chinesa contemporânea. Para lá de pós-moderno. Poucos quadros, muitas instalações e vários vídeos. Tudo muito louco! Por exemplo, à direita no quadro abaixo, há a instalação HUan Yong Ping, intitulada *El teatro del mundo (Thater of the world)* de 1993, que se constitui numa estrutura metálica e de vidro, com lâmpadas, compondo um ambiente meio estranho, em que se misturam duas ou três peças de porcelana e bronze, com animais vivos: tartarugas, largatos, sapos e

uma cobra: O que você acha, leitor? É pouco ou quer mais? Achei meio estranho e vi, novamente, que o a Modernidade não foi superada para mim ou por mim.



Faz um pouco mais de sentido, para mim, a obra "Mao Zedong: Quadricula roja no. 2", de Wang Guanqyi, de 1988.

De um modo ou de outro, ou seja, com os modernos ou com os pós-modernos, a visita ao Guggenheim vale muito a pena.

Carminha Beltrão
Julho de 2018